

08-02-2021

## O BAR DO QUINHOZIM

### Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

- O bar é o divã dos pobres. Isso é o que se ouve na madrugada no bar do Quinhozim, quando já bêbados, entusiasmados, entregues às paixões perdidas, e sem saber o que fazerem na vida, dizem os amigos ébrios com babas expostas, cuspes esculachados, palavras soltas sem autopolicimento.

É quase uma seita de depravados, o Bar do Quinhozim, não fosse um coletivo de amor. Quinhozim é um pai de família.

Magro, esguio, vive de chinelo havaianas e só veste calça de tergal grená. Quando o bar está vazio, ele coça as frieiras, limpa o nariz e solta o ar preso do intestino com uma alegria de maracanã. O torresmo é frito na hora com borra de manteiga velha. Os frequentadores mais íntimos ultrapassam o balcão de madeira, pegam a cerveja no freezer.

Não há comanda, nem anotações. A conta vem de cabeça na contagem dos cascos depositados no chão, no canto inferior das mesas. O bar é do freguês - eis o tom e a melodia.

Até tem a placa “NÃO VENDEMOS FIADO!”, mas ninguém a respeita, nem o próprio Quinhozim. O balcão de madeira empenada é o palco glorioso da mentira e das gargalhadas com cheiro de fumo velho - e também das verdades de declaração de amor e de ódio, onde certa vez, numa noite apaixonada, o delegado Jerônimo rendeu juras de amor à Formosinha. Esse delegado, um coitado! Luiz Poeta, um amigo boêmio, frequentador assíduo e pertinente, certa vez, em tom acadêmico e marginal, apresentou a sua tese brilhante: “toda pessoa precisa ter um bar que pendure a sua conta e de um amigo que empreste os ombros e os ouvidos...”.

Recebeu palmas de Garrincha. Nesse dia, Quinhozim o livrou da conta. Ademais, o bar do Quinhozim é onde se efetivam eternas amizades efêmeras entre sujeitos do resto da noite; é onde a poesia domina e se faz necessária mais que leis e armas num palácio de pedras e imbecis. Ali as lágrimas são costumeiras: chora-se pelos filhos, pelos pais que se foram, pelos primos, pelo primeiro amor, pela última paixão, pela triste precariedade do país. No bar do Quinhozim o espetáculo da poesia tem o hálito do bafo e a assinatura da palavra liberdade feita de lágrimas. Freqüente, há anos, o bar do Quinhozim. Embebedo-me de ver o passado transcorrer na memória depois de 7 talagadas; embebedo-me de presenças e de ouvir as situações reais e imaginárias que percorrem a veia profunda do Brasil. É o filho do pastor Clemente bêbado com uma puta sorridente; é o poeta calado que sorri com os olhos; o bolsonarista indefeso que ostenta um revólver velho, mas padece de uma derrota antecipada; o trabalhador aposentado que luta contra o câncer na próstata. Ele diz e repete: “não adianta. Não adianta, vou beber uma”. É o mais alegre. - Quinhozim - diz ele - traga mais uma!

O bar do Quinhozim é um teatro popular onde as ideologias se combatem. O velho comuna vai na garganta do bolsonarista ressentido e lhe aplica cianeto nas coronárias: “o capitalismo não será eterno. A fome é um fracasso, a desigualdade social é uma vergonha, os deuses hipócritas vão cair...” - Mais uma, Quinhozim!

Fico ali no canto, me arrisco a falar de futebol, defendo que Jairzinho foi o melhor da copa de 1970. Jair era doutor em paleontologia, geologia e magnetismo, tinha um vulcão no peito eletricamente transmitido aos pés.

Tinha o peito de vulcão, a sede de um vulcão, a fome de um vulcão. Defendo também que, com pose de galã, Gerson se tornou um governador dos jogos, uma liderança estética com lançamentos precisos, um cientista acrobático demonstrando, em pleno jogo, a vitória humana sobre a atmosfera e sobre a gravidade, um Deus sagrado com a batuta na canhota. Sob o comando de Gerson, a canhota é o bastão de uma orquestra afinadíssima, algo compreensível pelo idioma de Tostão.

Ouçoo uma tese contrária à minha do velho amigo bêbado: “Pelé unia força, senso espacial e oportunismo, um gigante inigualável, e a cor ajuda”

- Quinhozim, traga mais uma, por favor!

A madrugada no bar do Quinhozim torna-se um território de comando dos trabalhadores.

Nessas alturas os bolsonaristas, com cara de cu, foram prestar contas ao horário. Um militar ressabiado não aguentou a verdadeira parada. Sobram abraços demorados entre trabalhadores de salários-mínimos; sobram declarações de amor aos filhos e às namoradas e às esposas, inclusive aos cães da infância e até às sogras. É o reino do amor e da baba. É quando o poeta calado vem com o guardanapo rabiscado, lê o poema:

QUANDO A BATATA TIVER FRITA / E A NAÇÃO FOR  
COMANDADA POR UMA CABRITA / VERÁ O QUE SE PODE / A  
DERROTA INESCAPÁVEL DO CARA DE BODE...  
O CARA DE BODE É O PRESIDENTE!

- Traga mais uma, Quinhozim!

- O bar é o divã dos pobres. É por isso que a perifa é barítima. Cachaceiros mentirosos, tagarelas com charme de malandro, moças amorosas que deixam marca de batom vermelho no dorso dos copos, peladeiros, trabalhadores de todas as ordens, levantam o punho da alegria numa surpreendente festa de amor.

A bagaça tem seus luxos. ....

É momento de pedir a saideira e a pós-saideira, e a amiga e a prima e a comadre da saideira. Pede-se para trocar a música. É unânime a solicitação da trilha. Todos querem Metamorfose Ambulante de Raulzito.

A primeira luz do sol chega dançando como uma arquiteta louca... ..

- Bom dia! Ontem é hoje. Vamos lá!

\*\*\*